P. A. de Menezes

MELODIAS DE SALA

Collecção variada de lindas melodias para sala (de caracter profano ou religioso, popular e erudito; córos etc.)
para uma ou mais vozes
com acompanhamento de piano e outros instrumentos.
Lettras escolhidas:
populares, ou dos melhores poetas.

PARTE II

LIVRARIA CATOLICA PORTUENSE
Centro de Propaganda Religiosa em Portugal e Brazil
Carlos Ventura & C.ia, L.da
Sucs. de Aloisio Gomes da Silva
134, RUA DO ALMADA, 138
PORTO

MELODIAS DE SALA

Melodias de Sala

PARTE II

S. FIEL

1906

1. LA GOLONDRINA

(HABANERA)

cresc.
mi - nha, mas a an-do - ri - nha vai mais ve-
cresc.
ff
pp
loz: vai chil-re - an - do na des - pe-
ff
pp
ff
di - da de a - gra de - ci - da ao ceu e a
ff

pp
nós, re-pe - tin-do num can-ti-co in - fin-do: Chi-qui - chi, chi - qui - chi, chi-qui-
rit. molto
ff
dim. p
chi! Re-pe - tin-do num can - ti - co in - fin-do: chi-qui - chi, chi-qui - chi, chi-qui-
Côro
ff
chi! A - ve chil - rei - ra, que eu a - mo tan - to,

pres-ta me o can-to da gra - ti - dão, que sa - u-
do - so, com senti - men - to, ho - je me au-sen-to d'esta man-
são: re-pe - tin-do num canti-co in - fin - do: gra-ti - dão, gra-ti - dão, gra-ti-

1.

Ligeira nuvem
no ceu caminha:
mas a andorinha
vai mais veloz:
vai chilreando
na despedida,
de agradecida
ao ceu e a nós:
Repetindo num cantico infindo:
Chiquichi! chiquichi! chiquichi!

2.

Qual tu recordas
no teu caminho
o amado ninho
que deixas cá:
meu pensamento
nos seus pesares
cruzando os ares,
aqui virá:
Repetindo num cantico infindo:
Chiquichi! chiquichi! chiquichi!

CÔRO: Ave chilreira,
que eu amo tanto:
presta-me o canto
da gratidão,
que, saudoso,
com sentimento
hoje me ausento
d'esta mansão:
Repetindo num cantico infindo:
Gratidão! gratidão! gratidão!

2. NINA, NANA!

(BERCEUSE)

á mi - nh'al - ma, meu Je - sus!
Teus o - lhi - nhos são a luz,
que re - luz á mi - nh'al - ma

á mi - nh'al - ma, meu Je - sus!
cresc.
p
Ni - na, na - na, meu Fi - lhi - nho
dolce
cresc.
dim.
Rei do ceu, to - do meu, meu
dim.

que - ri - di - nho! Ni - na, na - na,
p
p
cresc.
meu Fi - lhi - nho, Rei do ceu,
cresc.
to - do meu, meu que - ri - di - nho!
rit.
D.C.
rit.
D.C.

Nina, nana!

Teus olhinhos são a luz,
que reluz
á minh'alma, meu Jesus!

Nina, nana, meu Filhinho,
Rei do ceu,
todo meu, meu queridinho!

*

Em teu berço, linda flôr,
meu Senhor,
dorme, dorme, meu amor!

Nina, nana, bello Infante
de Belem,
dôce bem, celeste amante!

*

Eis que os anjos vêm pelo ar...
Vêm cantar,
para vêr-te repoisar!

Nina, nana, rosa minha,
flôr gentil,
nesta vil, pobre lapinha!

P. D. Moscatelli.

3. ADEUS A S. FIEL

(CURSO DE 1902-1903)

rall.
deus, vi - da do Col - le - gio, pri-vi - le - gio não ti-nhas d'e-ter - na
rall.
a tempo
ser: mas de ti vi - va sau-da-de meu peito ha-de guar-
a tempo
dar sem-pre a-té mor - rer! Mas de ti vi - va sau-

Adeus, vida do Collegio!
Privilegio
não tinhas de eterna ser.
Mas de ti viva saudade
meu peito ha de
guardar sempre até morrer.

*

Adeus, alegres passeios,
que, em recreios,
nos campos eu ia dar:
ou da serra nesse abrigo
vasto e amigo,
agreste, mas salutar.

Em ternas canções ovantes,
em descantes,
minh'alma lá se expandiu.
A vida de encantos era:
primavera,
que em lindas rosas abriu!

*

Adeus, pinheiraes queridos!
Bem sentidos
mil ais me ouvieis soltar!
Eram saudades fagueiras
das ribeiras
do meu paterno solar.

Saudades d'outra ventura,
doce, pura,
que, infante, frui tambem:
— dias, horas jubilosas,
de oiro e rosas,
nos braços de minha mãe!

*

Adeus, saudosa Ribeira,
que, ligeira,
te vais no Tejo sumir!
Na tua margem querida
d'esta vida
passou-me grato florir.

E' de leite e neve pura
na candura
a espuma dos teus cachões:
mas comtigo morre!... Ocrêza,
só tristeza
nos trazes, só illusões!

*

Adeus, oh *Gallo* deserto!
Bem de perto
ouvi teu mudo cantar!
Que meigas, encantadoras,
essas horas
que ao pé de ti fui passar!

Descuidosos, prasenteiros
companheiros
sorriam franco sorrir.
Os olhos fugavam maguas
té ás aguas
do flavo Tejo, a luzir.

Que bellos, ditosos dias!
Que folias!
Que santo e doce folgar!
Ai! dias da mocidade,
quem vos ha de
mais tarde resuscitar?!

Quem ha de senão com prantos
mil encantos
á memoria então trazer?!
Quem ha de?. . Eu! Sim, quero ve-los
e reve-los
com saudade até morrer!

Bem cedo tristes agruras
de amarguras
virão a vida ensombrar.
Então, quero sem receio
grato enleio
da vida de irmãos lembrar.

Lembrar os dias tão ledos,
que, em folguedos,
me dava fraterno amor!
Cada rosto era um sorriso;
cada riso,
botão da mais nivea flôr!

*

Adeus, *Pedra-sobreposta*,
que na encosta
és guarda da solidão!
Ai! quantas vezes ouviste
carpir, triste
de maguas, meu coração!

*

Adeus, passeios na *Chata!*
Sempre grata
lembrança de vós ficou,
quando grupo jubiloso,
entre goso,
sobre as aguas se juntou.

Alegres e sem cuidado,
remo alçado,
deixando a barca vogar,
sonhavamos doces sonhos!...
Mais risonhos
ninguem os vinga sonhar.

A vida então nos sorria
com magia,
toda de oiro sobre anil!
Eram futuros de encantos...
tantos, tantos,
que se contavam por mil.

*

Adeus, oh loiros virentes
dos ingentes
combates em que eu entrei!
Adeus, ensaios de guerra!
Cá na terra
não mais, não mais vos verei!

*

Adeus, escudos, floretes,
galhardetes,
bandeiras, lanças, canhão!
No combate e nas victorias
entre glorias
vos amou meu coração.

*

Adeus, mesas e carteiras,
companheiras
das dôres e risos meus!
Adeus, recreios, estudo!
aulas .. tudo!
Adeus, Collegio, adeus!

4. CORREI, PASTORINHOS!

(VILANCETE)

Allegro **Melod. hespanh.**

rei, pas - to - ri - nhos, cor - rei a Be-
p
lem! Que em po - bre la - pi - nha nas-
ceu nos - so Bem! Que em po - bre la -

pi - nha nas - ceu, nas - ceu nos - so Bem ! Que em
po - bre la - pi - nha nas - ceu, nas - ceu nos-so
Côro
Bem ! Mil hym - nos can -

te - mos de ex - cel - so lou - vor, e
le - dos, sa - gre - mos of - fren - das d'a -
Solo
mor! E' Deus, So - be - ra - no da
f

ter - ra e do mar, que, fei - to Me-
Côro
ni - no, nos vem res - ga - tar! que,
ff
ff
fei - to Me - ni - no, nos vem res - ga-
pp
pp

tar! que, fei - to Me - ni - no, nos
ff
pp
vem res - ga - tar! que, fei - to Me-
p
cresc.
ni - no, nos vem res - ga - tar!
f

1.

Correi, pastorinhos,
correi a Belem,
que em pobre lapinha
nasceu nosso Bem!

Mil hymnos cantemos
de excelso louvor,
e, ledos, sagremos
offrendas de amor!
E' Deus, Soberano
da terra e do mar,
que, feito Menino,
nos vem resgatar!

2.

Correi pressurosos,
ardentes de amor:
aquelle Menino
é Rei e Senhor.

São duras palhinhas
seu berço real;
seu paço divino
um frio portal.
Assim desprezado
por nós quiz nascer!
De amor vamos preitos
a Christo render!

A melodia canta-se ha muitos annos em S. Fiel.

5. O MARINHEIRO

(FADO)

foi fei - to o meu na - vi - o, que zom-ba da tem - pes -
ta - de; não foi fei - to o meu na - vi - o, que
cresc.
zom - ba da tem - pes - ta - de. Le-va as ancoras! Des-
cresc.

fer-ra! Larga, lar-ga, dei xa a terra! I-ça lon-go e sem parar! Fóra so bres e cu-
dim.
telos! Dei-ta abai-xo os an-dre-be-los!
An-co-ra to da a bei-
dim.
jar! Dei - ta a - bai - xo os an - dre - be - los!

Para adormecer n'um rio,
Junto aos pés d'uma cidade,
Não foi feito o meu navio
Que zomba da tempestade.
Leva as ancoras! desferra!
Larga, larga, deixa a terra;
Iça longo e sem parar!
Fóra sobres e cutelos!
Deita abaixo os andrebelos!
Ancora toda a beijar!

Larga essas velas de prôa!
Gavia grande, todo o pano!
Meu navio é uma c'rôa
Sobre a fronte do oceano.
Eu sou rei, aqui domino!
A estrella do meu destino
Só no mar brilha feliz.
Quando sopra o vento forte,
Seguindo sempre meu norte,
Não conheço outro paiz!

Onde nasci?... não o digo,
Porque não o sei ao certo;
Quando busquei um amigo
Achei o mundo deserto...
Só tive contentamento,
Escutando a voz do vento
Nas gavias a sibilar;
Quando, sem medo ao perigo,
Tive as nuvens por abrigo,
E por companheiro o mar.

Nunca amei as impias pragas
Dos meus rudes marinheiros;
Mas tomei amor ás vagas
Na furia dos aguaceiros.
Se á rouca voz da tormenta,
Vinha a onda turbulenta
Quebrar dentro do convez,
Eu contente a contemplava;
E a vista se me enlevava
No abysmo que tinha aos pés.

Cada vez que o mar bramia,
Solto o cabello na fronte,
Eu mais alegre sorria
Para a linha do horisonte.
Sempre de pé na coberta,
Sobre a abobeda deserta,
Adivinhava o tufão;
D'olhos no tope dos mastros,
Aprendi a lêr nos astros
A vinda do furacão.

Assim fui homem, primeiro
Que de homem tivesse a idade!
A escola do marinheiro,
Tem por mestre a tempestade.
Oh! do leme! contro! arriba!—
Folga a bujarrona e giba
Olha as bolinas de ré!
Caça a draiwa e o traquete!
Ála velacho e joanete,
Vá de longo! bate o pé.

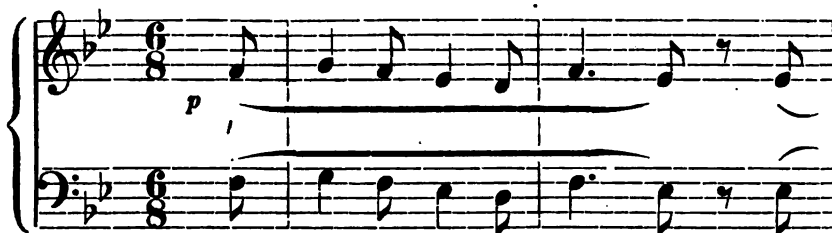
Temos vento Les-Nord-Este,
Já vai o cabo dobrado.
Põe o rumo ao sudoeste;
Aguenta o leme! Cuidado!—
Passa talha na retranca.
Olha a escota! volta franca!
Arreia mais... de vagar...
Volta! volta! — sete e meia:
O vento não escasseia;
Corre assim, que é bom andar.

Meu paiz é n'estes mares.
Meus campos estes banzeiros,
Este navio meus lares,
Minha familia os pampeiros!
Diz-me a voz do cataclismo,
Que dormirei n'este abysmo
Aos eccos do temporal;
Envolvido n'estas velas,
Como o genio das procellas,
Ou o anjo do vendaval!

Com furia o mar se alevanta,
E ás nuvens cuspindo a vaga,
Pela tremenda garganta,
O laes das vergas alaga!
O espaço todo se abala,
Se o trovão rugindo estala
E o raio lança dos ceus;
Mas o navio não treme,
Que a minha mão vai no leme
E sobre ella a mão de Deus.

Corre, meu fino velleiro,
Até que no ceu se apague
A estrella do marinheiro,
Depois que a onda te esmague;
Que venha, atravez do espaço,
Do Senhor o occulto braço
Tuas pranchas deslocar:
Tu és da terra inimigo,
Por isso virás comigo
Dormir no fundo do mar.

F. Gomes d'Amorim.

6. O VOTO D'EL-REI

(CANTATA)

(Barytono ou contralto; coro de sopranos e contraltos)

Andante molto — P. F. da Costa Pereira

tel - lo, oh Vir-gem do Res - tel - lo, Se eu
che-go a me - re - cê - lo, Ou - vi o meu ap-
pêl - lo E os o - lhos nos vol - vei: a

mim a mim a mim e á mi - nha grei O'

Vir-gem do Res - têl - lo Os o - lhos nos vol - vei A

D'alto mys-te-rio um sêl - lo To-da esta empre-za tem
cresc.
f
dim.
E po-der rom-pêl - o O' Vir-gem do Res - têl - lo Só
cresc.
dim.
p
Vós Só Vós Só Vós e mais nin - guem
p

Côro
p
O'
p
Vir-gem do Res - têl - lo O' Vir-gem do Res-
têl - lo Ou - vi o meu ap - pel - lo Os o-lhos nos vol-

Solo
A mim a mim e á mi - nha
vei á nos - sa

grei
grei O' Vir gem do Res têl - lo Os o - lhos nos vol-

A mim a mim a
vei

mim e á mi - nha grei Ha tan-to tem - po
E á nos - sa grei

Solo
já On - de é que el-le es-ta - rá O' Vir-gem do Res-

Recit.vo
têl - lo O' Vir-gem do Res - têl - lo Quem poderá de-

accell.o
têl o? O que o de tempor lá? f A guer - ra? Os soes? O
f
accell.o

rit.
a tempo
gê - lo? Ai! p quando é que vi - rá? E ó Vir-gem do Res-
p
rit.
a tempo

têl - lo Cá den - tro po - deis lêl - o Se o pla-no he-ran-ça

é De um Rei de Reis mo - dê - lo mo-

cresc.
marcato
veu - se a com - met - tel - o
f
não a am - bi - ção não não
cresc.
f marcato
pp
rall. molto
pp
a fé
a tempo
rall. molto
Côro
p
O'

A

vi o meu ap - pel - lo, Os o-lhos nos vol - vei

mim a nim á mi - nha grei

á mi - nha grei O'

mim a mim a mim e a mi - nha grei
E á nos - sa grei.

p
Só es-te ar-den - te zê - lo, De cul - tos dar á

cruz
Vós bem deveis sa - be - lo O'
Vir - gem do Res - tel - lo
accel. . . . . .
ao feito audaz me in-
accel. . . . .
accel. . . . . .
duz
ao fei-to au daz me in - duz

ao fei - to audaz me in - duz
Vós bem de-veis sa-

be - lo O' Vir - gem do Res - têl - lo

expressando
Não heis de pro - te - gê - lo

não me di reis que sim O' Vir - gem do Res-
tel - lo pe - dir - vol - o ho - je vim Vi-
ri - a se fa - zel - o pre - ci - so fosse as-

sim de ras-tos e em ca - bel - lo vi - ri - a se fa-
zel - lo pre - ci - so fos-se as - sim, De ras - tos em ca-
bel - lo vi - ri - a O' Vir - gem O' Virgem do Res-

tel - lo
Que qu'reis
Que vos con-
vem
Que expri mao meu des - ve - lo ? Com claus - tro um
ritar.
tem - plo ? Um tem - plo ?
Q'reis ?
Bem.

Maestoso
f
Se a fro-ta a-go-ra ahi vem D'a-
f
qui pro met - to er-guel - o Do o - ra - go de Be-
thlem Qual vossa er-mi da o tem O' Virgem do Res-

cresc.
tel - lo, O' Virgem do Res-tel - lo ou - vi o meu ap - pel- lo O'
cresc.
f
p
dim.
Virgem do Res - tel - lo Os o - lhos nos vol - vei a mim a
f
p dim.
mim e á mi nha grei...
p
Côro
O' Virgem do Res - tel - lo Os
p

o - lhos nos vol - vei O' Vir - gem do Res - tel - lo O'

Vir - gem do Res - tel - lo ou - vi o meu ap - pel - lo os

A mim a mim á
o-lhos nos vol - vei
á

mi - nha grei
nos - sa grei
O' Vir-gem do Res-

tel - lo cá den-tro po - deis lêl - o Se o pla - no herança

mo - veu - se a commet-
é De um Rei de Reis mo - dê - lo

marcato
a tempo
tel - o não am - bi - ção
p
a Fé.
f
não, não
O' Vir-gem do Res -
f marcato
a tempo
p

Ou - vi o meu ap-
tel - lo
O' Virgem do Res - tel - lo

f
pêl - lo os o - lhos nos vol-vei a mim a
f

p rit. a tempo
mim a mim e a mi - nha grei
pp
E á nos - sa grei O' Virgem do Res -
ritar.
pp
pp
p
ritar.

morendo
tel - lo O' Virgem do Res-tel - lo O' Virgem do Res tel - lo O'
morendo
Virgem do Res - tel - lo.
p

O voto d'el-rei

«O' Virgem do Restêllo,
dizia humilde o rei,
se eu chego a merecel'o,
ouvi o meu appêllo,
e os olhos nos volvei,
a mim, e á minha grei.

D'alto mysterio um sêllo
toda esta empreza tem.
Toda! e poder rompel'o,
ó Virgem do Restêllo,
só Vós, e mais ninguem.

Parece-me ainda vêl'o!
Sae, dobra o cabedêlo,
ao largo mar se fez;
e passa o dia, o mez,
dois annos... e, a escondel'o,
sempre esta nevoa... vês,
ó Virgem do Restêllo?

Ha tanto tempo já!
Onde é que elle estará,
ó Virgem do Restêllo?
Quem poderá detel'o?
O que o detem por lá?
A guerra? os sois? o gelo?
Ai! quando é que virá!

E, ó Virgem do Restêllo,
Cá dentro podeis lel'o...
se o plano herança é
de um rei, de reis modêlo,
moveu-se a commettel'o,
não a ambição, a fé.

Só este ardente zelo
de cultos dar á cruz...
Vós bem deveis sabel'o,
ó Virgem do Restêllo,
ao feito audaz me induz.

Não heis de protegel'o?
Não me direis que sim,
ó Virgem do Restêllo?
Pedir-vol'o hoje vim;
viria, se fazel'o
preciso fosse assim,
de rastos e em cabello.

Que q'reis? que vos convem,
que exprima o meu desvelo?
Com claustro um templo?... Bem.
Se a frota agora ahi vem...
d'aqui prometto erguel'o,
do orago de Bethlem,
Qual vossa ermida o tem,
ó Virgem do Restêllo.»

Pereira da Cunha.

7. OS ORPHÃOS

Molto mod.to
J. U. Escoto
Voz
Piano
p
Con sentimento
D'u-ma obscura ter-ra-si-nha do
p
ter-mo de Po-ma-rão
são os pobres or-phão-

rall. e dim.
a tempo
mf
si-nhos que vos pe - dem pro-te - ção. Já não temos um a-
rall. e dim.
a tempo
mf
p ritar.
bri-go p'ra passar se-quer um di-a pa - ra a noi-te uma ca-
p
ritar.
pp rall. molto
mi - nha, um sor - ri - so de a - le - gria.
pp
rall.
molto
a tempo
p

D'uma obscura terrasinha
do termo do Pomarão
são os pobres orphãosinhos
que vos pedem protecção.

Já não temos um abrigo,
p'ra passar sequér um dia,
para a noite uma caminha,
um sorriso de alegria.

Na nossa triste choupana,
foi ha dias..... á noitinha,
vimos muda e abatida
a nossa bôa mãesinha.

Os suspiros que ella dava
pouco e pouco suspendeu,
e os vizinhos que a assistiam
nos disseram — «já morreu».

Quaes implumes avezinhas
a quem roubaram o lar,
assim vieram uns homens
nossa choupana tomar.

Quanta falta faz aos orphãos
da terna mãe o carinho!
nós somos como a avezinha
que perdeu o doce ninho.

Valerio A. Cordeiro.

8. PASTORELA

Duo
Melod. allemã
Vozes
Piano
p
Er - guei - vos, pas - to - res, que a
noi - te vai al - ta, e to - da se es-
mal - ta de no - vo esplen - dor! Oh!

noi - te mais bel - la, que o mais bel-lo di - a! Ao
mundo al - lu - mi - a o seu Sal - va - dor. Oh
Côro
f
va - mos em cô - ro, za - gaes, a Be - lem sau-

Duo

Erguei-vos, pastores,
que a noite vai alta,
e toda se esmalta
de novo esplendor!
    Oh noite mais bella
    que o mais bello dia!
    Ao mundo alumia
    o seu Salvador.

Côro

Oh vamos em côro,
zagaes, a Belem
saudar o Menino
e a Virgem, sua mãe!

Do povo escolhido
a prece já cessa;
cumpriu a promessa
do céu Jehovah!
    De paz salvadora
    chegaram os dias:
    nasceu o Messias,
    o Rei de Judá.

Oh vamos em côro...

Do seio das nuvens,
qual chuva macia,
baixou por Maria
JESUS Redemptor.
    Lá cantam a córos
    os anjos nos ares
    em doces cantares
    a paz do Senhor!

Oh vamos em côro...

Do gelo dos polos
dos climas ardentes
ah! venham as gentes!
Deus todos chamou.
    Quem ha-de fugi-lo,
    o manso cordeiro?
    E' astro fagueiro
    que a todos brilhou.

Oh vamos em côro...

9. JESUS AMANTE

gra - to, Te pa - ga com desa - mor. Je sus a-
mante essaslagrimas ces - sem, Mi - ti - ga a tu - a dor! Jesus a-
mante essaslagrimas ces - sem, Mi - ti - ga a tu - a dor. Mi-

ti - ga a tu - a dor Mi - ti - ga a tu - a dor.

Lento p Solo
A - qui, di - vi - no In - fan - te, Te ju - ro amor e
Lento
p

fé A - qui, divi - no In - fan - te, Te ju - ro amor e

fé Meu De - us d'o - ra a - van - te, Meu coração teu
é Meu De - us, d'o - ra a - van - te Meu coração teu
. é! Meu co - ra - ção Meu cora - ção meu cora-

ção teu é, teu é! Meu cora-ção meu cora-ção meu cora-
ção teu é teu é.
p
Solo
Je sus a - man-te essas
p
la - gri - mas, Só pe dem o meu a - mor, só

Duo
pe - dem só pedem o meu a - mor. Tu cho ras que o mundo in-
gra - to, Te pa - ga com desa - mor. Jesus a - mante essas lagrimas
ces - sem, Mi - ti - ga a tu - a dor! Jesus a - mante essas lagrimas

f
cresc.
ces - sem, mi - ti - ga a tu - a dor! Jesus a-mante, Jesus a-
f
cresc.
f
p
man-te Jesus a - man - te es - sas la - gri - mas ces - sem, Mi-
f
p
tiga a tu a dor! Mi - tiga a tu - a dor! Mi-tiga a tu - a dor!

Jesus amante

Jesus amante essas lagrimas
Só pedem o meu amor!
Tu choras, que o mundo ingrato
Te paga com desamor.

Jesus amante, essas lagrimas cessem
Mitiga a tua dor.

Aqui Divino Infante
Te juro amor e fé:
Meu Deus, d'ora avante,
Meu coração teu é.

---

f
cresc.
ces - sem, mi - ti - ga a tu - a dor! Jesus a-mante, Jesus a-
f
cresc.
f
man-te Jesus a - man - te es - sas la - gri - mas ces - sem, Mi-
f
p
p
tiga a tu a dor! Mi - tiga a tu - a dor! Mi-tiga a tu - a dor!

Jesus amante

Jesus amante essas lagrimas
Só pedem o meu amor!
Tu choras, que o mundo ingrato
Te paga com desamor.

Jesus amante, essas lagrimas cessem
Mitiga a tua dor.

Aqui Divino Infante
Te juro amor e fé:
Meu Deus, d'ora avante,
Meu coração teu é.

de oi - ro ven - ce a côr In - ve-ja o sol a fa - ce pur pu-
ri - na, A lua o seu candor. Bem ha - ja tua mãe. Vem a meus
ad libitum
ritard.
braços, pomba ce - leste, oh vem! Tu guia-rás vo - an - do nos sos
col canto

N.º 2. ARRULHOS (Berceuse)

And.te

Sem va - gir ou - vi - rás a mãe di - to - sa

And.te

p

No au-reo lei-to can - tar, Nem sau - da-des do ceu te - rás go-

zo - sa De ve - lo em seu o - lhar. Va-
mos te já compôr um ber-ço lin - do Qual ou-tro não se
viu, De na-cares que andou Thetis pu - lin - do, E o

sol bei - jan - do a - briu Brinca - rás com e-quo-reas es - trel-
li - nhas E uma harpa de co - raes, Que a - fu-
gente de nós magoas dam-ninhas, Que a manse os tem-po - raes. Ao
f

All.º
mas - tro ma - ri - nhei - ro; i - ça ban - dei - ra Da
f
mais gar - ri - da côr. Ar - mem sig - naes e
And.te
fla-mu-las li - gei ras, Um i - ris a pri - mor.
And.te

N.º 3. FESTEJOS (Barcarola)

(ESTYLO POPULAR PORTUGUÊS)

ri - to ba-ptis mal
A
nau, qual cys-ne as azas es - pen - ne - ja E to - da E
toda fes - ti - val Com re - piques e musicas cor - te - ja o ri - to, cor-
f

te - ja o rito baptismal
mf
Mu - do qual um cor - dei - - ro o mar es-
mf
dim.
como um murmurio
cu - ta vo - zes sa - cramentaes, Deixando á esphe - ra a-
mf

cres.
zul que as re-per - cu - ta, que as re-per - cu - ta Em
dim.
cres.

e-chos immor - taes
f
p
pp

Solemne. Senza rigore di comp.
Ver - ti sobre el - la d'u-ma con - cha fi - na Sal-

vi - fi - ca ablu - ção: Deu-lhe o se - lé - to no - me de Ma-

ri - na, O ve - lho ca - pi - tão.

N.º 4. LAMENTOS

tres - va - ri - a
E rom - pe a sus - pi-
rar a sus - pi - rar
E
rall.
rom - pe a sus - pi - rar
a su - - spi-
col canto

rar. Se-rá um cô - ro d'an - jos á por-
fi - - a. Que já m'a vem ti - rar que
já m'a vem ti - rar. Sim: a i-ma - gem do ceu nublar-se a

go - - ra No o - lhar da in-fan - te vi
Mas ao mun-do que em tor-no afaga e cho - ra
ad libitum
que em tor-no afaga e cho - ra Mais do - ce ella sorri el - la sor-
col canto

Senza rigore di comp.
Passionato
ri. Mas ah! Como o amor quiz, a-mor-ta - lha-da, com bae-
p

grazioso
ti - lha estás, E tum-ba e berço ás on - das des-li - za - da, Na
p

rall.
mes-ma on-da te - rás. Por an - jo seu a ter-ra e por se-
rall.
p

rei - a, Te pre - ten - dia o mar, Mas

disse De-us: E' minha a flôr cre - ei - a, Quero-a no meu al - tar.

N.º 5. ANHELOS

p
desde o baixel, Ai! d'este mar a-mar-go co-mo a vi-da,
A um mar d'ondas de mel Ai! d'este mar a-
margo como a vi - da, A um mar d'ondas de mel.
p
3

Oh tuas ni - veas a - zas se eu ti - ve - ra. Gai-

vo - ta ce - les-tial, Ao mar e á ter-ra e a seus thesou - ros

rall.
de - ra Tam-bem, tam - bem o adeus fi-
rall.

Allegro come prima
nal
Tam-
p
cres - - - cen - - do

f
bem o a - deus fi - nal
f

Marina

IDYLLIO

Escripto no «Golfo de las Yeguas» acabando de dar sepultura ecclesiastica no mar a uma creancinha de nome MARINA, que morreu breves horas depois de baptisada pelo auctor. [1]

Um toque, ante-manhã, de alegre salva
Retinniu no baixel:
Que foi? Dormindo acaso a estrella d'alva
Caiu do azul docel?

Com ella aqui nasceu esta menina,
Que do oiro vence a côr;
Inveja o sol a face purpurina,
A lua o seu candor.

Bem haja tua mãe!... Vem a meus braços,
Pomba celeste, oh vem!
Tu guiarás, voando, nossos passos
Ao suspirado Eden.

Sem vagir ouvirás a mãe ditosa
No aureo leito cantar;
Nem saudades do ceu terás, gozosa
De vêl-o em seu olhar.

Vamos-te já compor um berço lindo,
Qual outro não se viu,
De nácares, que andou Tethys polindo
E o sol beijando abriu.

Brincarás com equoreas estrellinhas
E uma harpa de coraes,
Que afugente de nós maguas damninhas,
Que amanse os temporaes.

Ao mastro, marinheiro; iça bandeiras
Da mais garrida côr.
Armem signaes e flammulas ligeiras
Um iris a primor.

---

[1] O exemplar presbytero D. Jacintho Verdaguér, principe dos poetas catalães, devidamente laureado.

A nau, qual cysne, as azas espenneja
E toda festival
Com repiques e musicas corteja
O rito baptismal.

Mudo, qual um cordeiro, o mar escuta
Vozes sacramentaes,
Deixando á esphera azul que as repercuta
Em echos immortaes.

Verti sobre ella, d'uma concha fina,
Salvifica ablução:
Deu-lhe o selecto nome de *Marina*
O velho capitão.

Eis cantos ouve a mãe, que tresvaría,
E rompe a suspirar:
«Será um coro de anjos em porfia,
Que já m'a vem tirar?

Sim: a imagem do céu nublar-se agora
No olhar da infante vi;
Mas ao mundo, que em torno a afaga e chora,
Mais doce ella sorri.
....
....
Mas ha! como o amor quiz, amortalhada
Com beatilha estás;
E tumba e berço, ás ondas deslizada,
Na mesma onda terás.

Por anjo seu a terra, e por sereia
Te pretendia o mar;
Mas disse Deus: «E' minha a flor, creei-a,
Quero-a no meu altar.

Sem vêr a terra, ao céu, que te convida,
Voas desde o baixel,
Ai! d'este mar amargo como a vida,
A um mar de ondas de mel.

Oh! tuas niveas azas se eu tivera,
Gaivota celestial.
Ao mar e á terra e a seus thesouros dera
Tambem o adeus final.

J. S. G.

(Trad. do original catalão)

---

11. HYMNO DA ACADEMIA SCIENTIFICA

(COLLEGIO DE S. FIEL)

J. U. Escoto

mf
dim.
1.ª vez
ri - nho nos a - ni-ma a lu - ctar com va - lor. Da sci-
mf
dim.
2.ª vez
f
Côro
lor. E-ia! va - mos, se-den - tos de glo - ria, conquis-
f
tar da sci-en-cia os tro - pheus, que é se - gu - ro penhor da vi-
ff
ff

1.º	2.º
Da sciencia e virtude o caminho, companheiros! trilhae sem temor, que da Virgem celeste o carinho nos anima a luctar com valor.	O saber que á virtude se allia é saphyra no oiro a brilhar, é thesouro de rara valia ideal que devemos buscar.

Côro

Eia! vamos, sedentos de gloria,
conquistar da sciencia os tropheus,
que é seguro penhor da victoria
a Rainha da terra e dos ceus.

Dezembro de 1906. *V. A. Cordeiro.*

---

12. SI

RECUERDO

Allegretto

J. de Monasterio

Voz

Piano

mf

cres.

f

dim.

mf

bri-lla en el firma men-to a - zul, cuando es - te - mos se pa-
ra-dos de bès mi - rar siempre tu.
mf
mf
A esa es-
mf

tre - - lla que mas bri - - lla
sf
En el fir-ma - men - to a - zul.
p
p
p
cuando es - te - mos se - pa - ra - dos
f
sf

De-bes mi-rar siempre tu
dim.
Ped.
p
Que cuan-do la mires tu la mira-
p
p
ré tam-bien yo y a si ha-re-mos de esa es trella nuestro

A esa estrella que mas brilla
en el firmamento azul,
cuando estemos separados,
debes mirar siempre tu;
que cuando la mires tu,
la miraré tambien yo,
y asi haremos de esa estrella
nuestro punto de reunion.

---

13. DORME JESUS!

Fim.
re-nun-cio a vel - os, Dor-me Je - sus. São n'este ex-
sf.
i - lio a minha ama-da luz, Mas co-mo dur-mas renun-cio a
pp
vel-as, Dorme Je - sus.
pp
8
3
3
3
3

p
Dor - me Je - sus sem preve - nir me - do - nhos,
A - cer - bos tran - zes Do pre - torio á cruz
do pretorio á cruz, Voem-te em ro - da ju-bi-lo-sos so - nhos

Dor - me Jesus. Vo - em-te em ro - da ju - bi-lo-sos
so - nhos ju-bi-losos so - nhos Dor - me Je-sus,
Dor-me Jesus Ao pé de ti eu ve - lo ao

pé de ti eu ve - lo, Qual bor - bo-le - ta que não
dei - xa a luz, Meu pei - to ba - te
em an cio - so anhe - lo em an - cio - so anhe - lo
p

Dorme, Jesus!... teus olhos sam-me estrellas,
Sam neste exilio a minha amada luz.
Mas, como durmas, renuncio a vê-las...
Dorme, Jesus!...

Dorme, Jesus!... sem prevenir medonhos,
Acerbos transes do Pretorio á Cruz.
Voem-te em roda jubilosos sonhos;
Dorme, Jesus!...

Dorme, Jesus!... ao pé de ti eu vélo,
Qual borboleta que não deixa a luz.
Meu peito bate em ancioso anhelo...
Dorme, Jesus!...

14. PARABENS

na sel-va ao romper do di - a e - cho fi - el re - pe-
ti - a ca - da vez com mais ar - dor
e - ra fes - ti - val an - nun - cio

que ti - nham jo - vens u - fa - nos
do faus - to di - a dos an - - nos
do bon - do - so Di - re - ctor.

Côro
mf
Pa - ra-bens, bom Pa - dre, Em do-ce con-
mf
cen - to re-pe-tem nes-te mo - men - to
os que-ri-dos fi-lhos teus E por lon - gos

an - nos chei - os de ven - tu - ra

pre-nun - cio d'ou - tros fu - tu - ros

Parabens

De aves jubilosos trinos
na selva, ao romper do dia,
echo fiel repetia,
cada vez com novo ardor :
era festival annuncio,
que tinham jovens ufanos
do fausto dia dos annos
do bondoso Director.

Côro

Parabens, bom Padre,
em doce concento
repetem n'este momento
os queridos filhos teus.
E «por longos annos» !
cheios de venturas,
prenuncio d'outras futuras,
que disfructarás nos céos.

Annos muitos, Pae querido,
te decorram inda, ledos,
e nós, com nossos brinquedos,
os venhamos festejar :
Annos muitos, todos cheios
de tantas, tantas venturas,
que vençam as amarguras,
que filhos te possam dar !

15. BARCAROLA VASCONGADA

rer E em seus ser- tões mor-
rer E em seus ser- tões mor-
rer E em seus ser - tões mor-

rer. Re - ma, re - ma a bom re-
rer. Re - ma
rer. Re - ma a bom re -

mar de A - fri - ca ter - ras a - nhe - lo
mar de A - fri - ca ter - ras a - nhe - lo
mar a bom re-mar de A - fri - ca ter - ras a - nhe - lo

ver E em seus ser- tões mor-
ver E em seus ser- tões mor-
ver a-nhe lo ver E em seus sertões mor-

rer E em seus ser- tões mor-
rer E em seus ser- tões mor-
rer E em seus sertões mor-

ver. Lá n'es - se cli - ma ar- den - te
ver. Lá n'es - se cli - ma ar- den - te
ver. Lá n'es - se cli - ma ar - den - te

ritard.
Por mim cla- man - do es- tão
ritard.
Por mim cla- man - do es- tão
ritard.
3 3
Por mim cla - man - do es - tão por mim cla-mando es-

a tempo
ritard.
Tro- peis de ne - gra gen - te Da
a tempo
ritard.
Tro- peis de ne - gra gen - te Da
tão Tro - peis de ne - gra gen - te Da

fé pe- din - do o pão Da fé pe-
fé pe- din - do o pão Da fé pe-
fé pe - din - do o pão Da fé pe-

din - do o
pão. Lá
n'es - se
cli - ma ar-
den - te
din - do o
pão. Lá
n'es - se
cli - ma ar-
den - te
din - do o
pão. Lá
n'es - se
cli - ma ar - den - te

ritard.
Por
mim cla-
man - do es-
tão
ritard.
Por
mim cla-
man - do es-
tão
ritard.
3 3
Por mim cla - man - do es - tão por mim cla-mando es-

a tempo
Tro-
peis de
ne - gra
gen - te
a tempo
Tro-
peis de
ne - gra
gen - te
a tempo
tão Tro - peis de ne - gra gen - te

ritard.
Da fé pe- din - do o pão Da
ritard.
Da fé pe- din - do o pão Da
ritard.
Da fé pe - din - do o pão Da

Devagar p
fé pe- din - doo pão. Re- mae, re-
Devagar p
fé pe- din - doo pão. Re- mae, re-
Devagar p
Re - mae, re-

mae re- mae re- mae.
mae re- mae re- mae.
mae re - mae re - mae.

16. ALVORADA SINGULAR

CANTO DE BONS ANNOS

J. U. Escoto

lei - ro o gallo em cla-ve de sol. A - fi-
pp
p
na-dos res - pon diam lhe os ni - veos pom-bos... pi,
pi, en - to - an - do seus con - cen-tos ma - vio-sos

rall.
Più mosso
em tom de mi
Re que-bradas me-lo - di - as e - cho-
rall.
Più mosso
p
p
rall.
mf
vivo
a - vam em ré me - nor
e - ram os mi - aus a-
p
rall.
vivo
1.º tempo
le - gres do ga - to
em si - gnal d'a - mor.
1.º tempo
f

Allegretto
con grazia
De - bi - can-do-se o ca - na - rio can - ta - va pá, pá, pá,
mf
con grazia
tr
pá e lo - go va - ri - an - do a mu - si - ca gor-
tr
gei - os tri - na - va em lá. Re - tru - ca - va-lhe de

lon - ge
no-tas a - le - gres em fá o
tr
lento
ban-do tão bo - li - ço - so dos pa - ti - nhos qua, qua, qua,
lento
p
alleg.to grazioso
qua.
p E as lin - das an - do-
f
p

ri - nhas
mes-mo per - ti - nho de ti
mo-du - la - vam ra - be - an - do
can-tos e tro - vas em si.
Em tão me - lo-

dio - so cô - ro só por um mi - nu - to
f
p
só qui - ze - ra en - trar a in-
f
p
ritar.
fan - cia com seus va - gi - dos em dó
ritar.

Como prima
E di - zer e - bria de go - so com
to - da a for - ça que tem pe - lo teu an - ni - ver-
sa - rio, a - ccei - ta hu - mil pa - ra - bem.
p
p
f

17. SALVE DEL MOLINERO DE SUBIZA

Sal - ve es - trel - la de bo-
p
nan - ça, I - ris d'eternal ven - tu - ra
Sal - ve pom - ba de can - du - ra Ter - na
cres.

f
Mãe do cas - to a - mor.
Sal - ve es - trel - la de bo-
f
nan - ça
I - ris d'e-ter-nal ven-
8.ª alta
tu - ra
Sal - ve pomba de can-

p
du - ra Ter-na Mãe do cas - to a - mor De teus
p
fi-lhos fra-gil barco Tu go - verna n'estes ma -
res. Tu con - for-ta os seus pe - za-res com a

luz com a luz do teu fa - vor.
f
Sal - ve es - trel - la de bo - nan - ça
ff
Sal-ve es - trel - la de bo - nan - ça

pp
Sim tu conforta os seus pe-za - res com a
pp
luz com a luz do teu fa - vor.
1.ª vez
2.ª vez
vor. De teus fi - lhos fra - gil
p

bar co, Tu go ver na n'estes ma - res. Tu con-
forta os seus pe - zares com a luz com a luz do teu fa-
vor. Sal - ve es - trel la de bo-
cres.
8.ª alta
f

nan - ça es-trel-la de bo - nan - ça Sal - ve!
cresc.
Sal-ve! Sal-ve, Sal - ve com a luz do teu fa-vor do teu fa-
dim. rall.
f
dim. e rall.
p
a tempo
vor. Tu con - for-ta os seus pe - za - res com a
a tempo

luz do teu fa - vor Tu con - for - ta os seus pe-
za - res com a luz do teu fa - vor. Sal-ve!
cres.
cen - - - - do - - -
ff
Sal-ve! Sal-ve! Sal-ve! Sal-ve! Sal - - - - - -
8.ª alta
cen - - - - do - - -
ff

ve !

18. FOI MAIS UM ANNO

Fim Solo
ti - no, E' mais um cardo que se a-briu em flôr. Foi mais um
an - no que teu an - jo con - ta com no-vas joi-as que a tu - a cr'oa
p
ritard.
dá: Para isso as flo res que deixas - te con-ta, con-ta os es-

Foi mais um anno... Solta alegre um hymno;
E' um passo menos n'este val de dôr;
E' mais um passo p'ra immortal destino,
E' mais um cardo que se abriu em flôr.

Foi mais um anno que teu Anjo aponta
Com novas joias que á tua c'roa dá.
Para isso as flôres, que deixaste, conta,
Conta os espinhos que trilhaste cá.

Ai! desditoso quem, volvendo os olhos
Para os oasis do deserto seu,
Sob murchas flôres vir surgir abrolhos
Que não florecem no jardim do céo!

No rasto enxerga uma illusão perdida,
No seio o espinho que evitára o pé,
E a voz interna que lhe brada: «Ai vida!
Viver de egoismo já viver não é.»

N'uma ampulheta mais uns grãos d'areia
São os novos annos que vivendo vae,
O outomno chega, e, d'auras vãs só cheia,
A flôr de um dia sobre a terra cáe.

Cáe... nem o Anjo seu despojo toma,
Que vae dos ventos á mercê correr.
Cáe... nem a terra lhe bemdiz o aroma,
Nem melhor vida vae no céo viver!

....

Cedro gigante, para o céo surgindo,
Estendes copa bemfazeja, aqui:
Tenras vergonteas vam-te o pé seguindo,
Vives e cresces, mas não só p'ra ti.

Teu tronco dá-lhes um seguro arrimo
Contra os embates do feroz tufão,
E um ramo estendes com paterno mimo,
Se vem crestal-as o fatal suão.

Por isso o Anjo, por cada um teu filho,
Em tua corôa nova joia poz;
De tua virtude viva em nós o brilho,
Viverás sempre em cada um de nós.

Campolide 19 de Outubro de 1877.

Os alumnos internos.

---

19. BOAS FESTAS

Allegro **Melod. ingleza**

Estribilho

Estrophes
te - - mos: Bo-as fes - tas do Na - tal. Oh!
Vin - de mar - che-mos to - dos em tro - pel pa - ra Be-
lem Can - te - mos o nas - ci - men - to do Mo-

nar-cha de Sa - lem! Can - te - mos em le - do a-
cen - to n'es - ta noi - te fes - ti - val: Bô - as
fes - tas do Na - tal.

Boas Festas

Marchemos alegres todos
Em tropel para Belem;
Cantemos o nascimento
Do monarcha de Salem.
Cantemos em ledo accento
Nesta noite festival:
«Boas Festas do Natal».

As vozes em côro unidas
Ao rufar d'este tambor
Alegrem por esse monte,
Se vigia, algum pastor.
Mas antes que o sol aponte
Nesta noite festival:
«Boas Festas do Natal».

Cantemos alegres todos,
Dos ferrinhos ao tinir,
E o echo venha o vento
Pelos valles repetir.
Cantemos com bravo accento,
Nesta noite festival:
«Boas Festas do Natal».

Echôe por esses valles
Do pandeiro o resoar,
Que a noite em seus folguedos
Vem a todos alegrar.
Cantemos em hymnos ledos
Nesta noite festival:
«Boas Festas do Natal».

Estribilho

Vinde todos e marchemos,
Vinde todos e cantemos,
Vinde todos e cantemos
«Boas Festas do Natal».

Nota. — A musica deste canto é inglêsa. Para sortir o seu maior effeito, deve ser cantada por um grupo de creanças, que marchando em duas filas ao som de tambor etc., entram na sala e se collocam formando só uma linha. Canta-se então a 1.ª estrophe; ao côro as duas filas marcham e fazem uma pequena evolução circular (cada uma para lado differente) de tal modo que já estejam de novo em linha quando se cantar o ultimo verso do côro: *Boas Festas do Natal*, o qual da primeira vez se canta inteiro. Na segunda repetem-se as mesmas evoluções porem ommitte-se a segunda syllaba da palavra *Natal* do côro, substituindo-a por uma pequena venia. Na terceira vez supprime-se a palavra toda e fazem-se duas venias, sendo a segunda mais profunda, e assim por deante. Sahe-se da sala analogamente á entrada.

20. VILLANCICO

man-te A Deus In - fan - te ver em Be - lem
Levemos mi - mos levemos
man-te A Deus In - fan - te ver em Be - lem
Levemos mi - mos levemos
man te A Deus In - fan - te ver em Be - lem
Levemos mi - mos levemos
flo-res Fieis pas - to - res ao nos-so Bem
flo-res Fieis pas - to - res ao nos-so Bem
flo-res Fieis pas - to - res ao nos-so Bem

pp
Vamos depres-sa compeito a-man-te A Deus In-fan - te ver em Be-lem
pp
Vamos depres-sa compeito a-man-te A Deus In-fan - te ver em Be-lem
Vamos depres-sa compeito a-man-te A Deus In-fan - te ver em Be lem
Levemos mi mos levemos flo res Fieis pas to - res Ao nosso Bem Levemos
Levemos mi-mos levemos flo res Fieis pas to - res Ao nosso Bem Levemos
Levemos mi-mos levemos flo res Fieis pas to - res Ao nosso Bem Levemos
ff
ff

mimos Levemos flo-res Fieis pas - to - res Ao nosso Bem Vamos de-
ff
mimos Levemos flo-res Fieis pas - to - res Ao nosso Bem Vamos de-
mimos Levemos flo-res Fieis pas - to - res Ao nosso Bem Vamos de-
p
ff
pres - sacom peito a-man - te a Deus In - fan - te ver em Be lem Vamosde-
ff
pres - sacom peito a-man - te a Deus In - fan - te ver em Be-lem Vamosde-
pres - sacom peito a-man - te a Deus In - fan - te ver em Be-lem Vamosde-

pressacom peitoa - man - te A Deus In-fan - te ver em Be-lem
pressacom peitoa - man - te A Deus In-fan - te ver em Be-lem depressa de-
pressacom peitoa - man - te A Deus In-fan - te ver em Be-lem depressa de-
de-pressa de-pressa depressa de-pressa depressa a Be - lem
pressa depressa de-pressa depressa a Be - lem
pressa depressa de-pressa depressa a Be - lem

Fim.
Andante
Solo
Al - fim te ve - mos

Oh Deus In - fan - te Oh sol bri-
lhan - te Deus Sal - va - dor
Al - fim te ve - mos Oh Deus in - fan - te

oh sol bri - lhan - te Deus Sal - va - dor
Al - fim te ve - mos so - bre essas pa - lhas
ff
D'on - de ho - je espa - lhas Ben - çãos e a - mor
mor
1.ª vez
2.ª vez
1.ª vez
2.ª v.
p
pp
D.C. al 𝄋

21. PARABEM FILIAL

Moderato Solo — J. Sant'Anna

Teu Anjo, Pae querido,
No céo em tua c'roa
Hoje ledo encastoa
Rubim d'aureo fulgor,
Rubim que das estrellas
Supera a formosura:
E' do peito a ternura
E' teu paterno amor.

Com teu Anjo os teus filhos
Exultam de alegria,
E cantam á porfia
Teu dia festival.
Amor em ledos hymnos
Mui gratos vem mostrar-te
E alegres hoje dar-te
Parabem filial.

---

22. LAS GOLONDRINAS. II

de go - lon - dri - nas va A res - pi - rar las
sua - ves au-ras de pri - ma - ve - ra
u - na nu-be li - ge - ra de go - lon - dri - nas

va.
Ay! tal-vez
Ay! tal-vez a mi
pa - tria lle - ga - rá
Ay! tal - vez
Ay! tal-vez a mi
pa - tria lle - ga - ra.
Vo -

lad a - ves que - ri - das vo-
lad al te - cho mi - o y al sau - ce del som-
bri - o a - dor - no de mi ho - gar Vo-

lad a - ves que-ri - das vo - lad al te-cho
mi - o y al sau - ce del som - bri - o a-
dor - no de mi ho-gar. Yo qui - sie - ra tam-

bien yo qui-sie - ra tam-bien al -
lá vo-lai, al - lá volai al - lá, al - lá vo - lai.

23. A ROSEIRINHA

Andantino A. de Menezes

te - ra, tris-te,es-fo - lha - da, aus - te - ra
triste es-fo-lha - da aus - te - ra, u - ma ro - sei - ra
can - di - da, nun-cio de pri - ma - ve - ra

u - ma ro-sei - ra can - di - da, nun - cio de pri - ma-
ve - ra. Cresceu,sor-riu, a - lou - se - lhe
p
pp
com bra-ços de mil flo - res, ves - tiu-a a - té o
sf
mf

pin - ca-ro de moci - da - de e a-mo - res.
p
Ao si - tio mu - do e in-hos - pi - to, d'onde o prazer fu-
p
sf
gi - a, tor - naram ni - nhos, can - ti - cos,
sf

as dan ças e a - le - gri - a.

Recit. ad lib.
E a ro - sei-ri - nha can - di - da,
ao seu que - ri - do es - tei - o
dis - se — «Não gostas
rall.
ar - vo - re,
d'es - te a - mo - ro - so en - lei - o? — «Se

Andante molto
gos-to!» a - co - de a ar - vo - re; «já te não lar - go; és mi-nha». —
colla voce
Andante
E diz que estão mui pros-peros o tronco e a ro sei - ri - nha o
tron - co o tron - co e a ro - sei - ri - nha

Nasceu aos pés de um'arvore,
triste, esfolhada, austera,
uma roseira candida,
nuncio de primavera

Cresceu, sorriu, alou-se-lhe
com braços de mil flores,
vestiu-a até o pincaro
de mocidade e amores.

Ao sitio mudo e inhospito,
d'onde o prazer fugia,
tornaram ninhos, canticos,
as danças e a alegria.

E a roseirinha candida
ao seu querido esteio
disse: — «Não gostas, arvore,
d'este amoroso enleio?»

— «Se gosto!» acode a arvore;
«já te não largo; és minha». —
E diz que estão mui prosperos
o tronco e a roseirinha.

23. LOS TUNOS DE SALAMANCA

(JOTA)

se - ño - ri - - tos com - pa - ñe - ros del
y a - mi - - gos den us - te - des al -
se - ño - ri - - tas, se - ño - ri - tos y

ritar.
a tempo
ti - bi quo - - que so - mos los tu - - - nos
gun di - - ne - - ro pa - ra pa - gar - - - mos
co - le - - gia - - les que no - - so - - - tros
ritar.
a tempo

de Sa - la - man - - - ca et u - ter - que
la bue - na ce - - - na al bon - do - so del
nos mar - cha - - - mos pa - ra los que - ri-

Coros
1.° Piu vivo
2.°
et u - tro - que.
lo - can - de - ro.
dos ho - ga - res.
Se - ño - ri - tas, se - ño-
f
1.°
2.°
1.°
ri - tas, se - ño - ri - tos, se - ño - ri - tos, com-pa-
2.°
1.°
2.°
ñe - ros, com - pa - ñe - ros del ti - bi quo que, que,

Nota. — Esta Jota foi composta para um grupo de creanças, que, vestidas a caracter, a executaram em S. Fiel no Carnaval de 1907.

24. CANÇÃO DO SOLDADO

Moderato — J. U. Escoto

a tempo
p
que - - zas, da In-dia os lin dos pal - ma-res, da crú-a
p
a tempo
ritar.
guerra as pro - e - zas, a - le - gri-as e pe - za - res.
ritar.
Andante com sentimento
p
Da pa - tria a i ma - gemque-ri - da do
p

Nota. — Foi cantada pelo personagem João Cartaxo, no principio do 1.º acto do drama «Affonso d'Albuquerque» de Lopes de Mendonça, quando este foi á scena no Collegio de S. Fiel. (Carnaval de 1907).

25. HYMNO

(COLLEGIO DE CAMPOLIDE)

p
Deus o quer! Su - a voz nos con-vi da, Aos combates e li - das do
Deus o quer! Su - a voz nos con vi-da, Aos combates e li - das do
Deus o quer! Su - a voz nos con-vi-da, Aos combates e li - das do
cres.
mar. Já en tregues ao O - cea-no da vida, Companheiros, é
mar. Já en-tregues ao O - cea-no da vida, Companheiros, é
mar, do mar. Já en tregues ao O - cea-no da vida, Companheiros, é
f

for - ça vo - gar: Deus o quer Su - a voz nos con - vi-da, Aoscom-
for - ça vo - gar: Deus o quer Su - a voz nos con - vi-da, Aoscom-
for - ça vo - gar: Deus o quer Su - a voz nos con - vi-da, Aoscom-
cres.
ba-tes e li-das do mar. E' o mais no - bre ide-
ba-tes e li das do mar. E' no - bre ide-
ba-tes e li-das do mar, do mar. E' no - bre ide-

al nos - so fi - to, N'es ta em-pre - sa de bri - o na-val:
al nos - so fi - to, N'es ta em-pre - sa de bri - o na-val: A' con-
al nos - so fi - to, N'es-ta em pre - sa de bri - o na-val:
A' con-quis - ta do Infi - ni-to, Abra-çalo na patria a - fi-
quista vo-gar á con-quis - ta do Infi - ni to, Abra çalo na patria a - fi-
A' con-quista vo - gar do Infi - ni-to, Abra-çalo na patria a - fi-
cres.

nal! do In-fi-ni - to a bra-
nal! A' conquis - ta vo-gar do In-fi-ni - to a bra-
p
nal! A' conquis - ta vo gar, vo-gar do In-fi ni - to a bra-
p
cres. po - - co
f
çal - o na pa-tri-a fi - nal - - - - rall.
f
çal - o na pa-tri-a fi - nal - - - - rall.
çal - o na pa-tri-a fi - nal - - - - rall.
cres. molto rall.

p Meno mosso
Por pe-nhor de fe - liz tra ves - si - a, Pe - lo es-tei-ro sul-
a tempo
ppp
a tempo
Pe - lo es-tei-ro sul-
ppp
a tempo
Pe - lo es-tei - - - -
p
a tempo
Meno mosso
ppp
que - mos da Cruz! Se - ja a es - trel-la d'es - p'ran-ça Ma - ri - a!
cresc.
que - mos da Cruz! Se - - ja sp'ran-ça Ma - ri - a!
cresc.
ro sul - que-mos Se - - ja sp'ran-ça Ma - ri - a!
cresc.

E o mo-de-lo dos nau - tas dos nau-tas, Je-sus! E o mo-
E o mo-de- - - lo dos nau-tas, Je-sus, E o mo-
E o mo-de- - - lo dos nau-tas, Je-sus, E o mo-
rall.
de - lo dos nau-tas, Je - sus
rall.
de - lo dos nau-tas, Je - sus
rall.
de - lo dos nau-tas, Je - sus
dim.
rall.

f a tempo
Por pe - nhor de fe - liz tra-ves - si-a, Pe - lo es - tei - ro sul-
f
p
Por pe - nhor de fe - liz tra-ves - si-a, Pe - lo es - tei - ro sul-
Por pe - nhor de fe - liz tra-ves - si-a, Pe - lo es - tei - -
a tempo
cresc.
que - mos da Cruz! Se - ja a es - trel - la d'es - p'ran ça Ma-ri - a
que - mos da Cruz! Se - ja a es - trel - la d'es - p'ran-ça Ma-ri - a
ro sul - que - mos, Se - ja a es - trel - la d'es - p'ran-ça Ma-ri - a

f
marcato
E o mo-de-lo dos nau - tas dos nau-tas, Je-sus! E o mo-
E o mo-de-lo dos nau - tas dos nau-tas, Je-sus! E o mo-
f
E o mo-de- - - lo dos nau-tas, Je-sus! E o mo-
f
f
marcato
mosso.
de - lo dos nau-tas, Je-sus! - - - - - -
de - lo dos nau-tas, Je-sus! - - - - - -
f
de - lo dos nau-tas, Je-sus! E o mo-de-lo dos nau-tas, Je-
meno.
Ped.

Vivace
ff
nau-tas dos nau-tas, Je - sus
nau tas dos nau tas, Je - sus
sus, E o mo-delo dos nau-tas dos nau-tas, Je - sus
ff
Ped.
f

Hymno

Já entregues ao oceano da vida,
Companheiros, é força vogar:
«Deus o quer!»—Sua voz nos convida
Aos combates e ás lidas do mar.

E' o mais nobre ideal nosso fito
N'esta empreza de brio naval:
—A' conquista vogar do Infinito,
E abraça-lO na patria final.

Por penhor de feliz travessia
Pelo rumo sulquemos da Cruz!
Seja a estrella d'esp'rança Maria,
E o modelo dos nautas Jesus!

«Sobre o azul do saber a virtude»:
Tal é o timbre dos nossos tropheus.
De tres cordas é nosso alaude:
De familia, de pátria, de Deus!

Juvenis marinheiros: — á glória!
O momento das fainas é já!
Que triumphos não ha sem victória,
E victórias sem lucta não ha.

A subtil viração, que perpassa,
Dentro em breve será vendaval:
Indeciso rumor ameaça
Que vem breve a tormenta fatal.

Mas se acaso a tormenta não vinga,
Se de novo azular mar e ceus:
Eia! Alerta!—Esquivae a restinga!
Inda alerta!—Aprestae os harpeos!

Inda alerta! — da rocha ao abrigo
Nos espreita o corsário d'alem!
Inda alerta! — o pendão inimigo
Alto mar nos espera tambem!

Marinheiros, a postos! á lide!
Seja o p'rigo da viagem qual fôr,
Jovens nautas da nau «Campolide»,
Manobrae, combatei com valor!

Após lidas, tormentas e guerra,
Brilhará no horisonte um fanal!
E' de gloria, de paz!—«Terra! terra!»
Companheiros, é o porto final!

J. E. G.

26. A SALOIA

Moderato
Melod. popular
Piano
mf
dim.
Voz
p
Que - ro
p
can - tar a sa - loi - a, que - ro

can - tar a sa - loi - a, já que ou-
tra mo - da não sei já que ou-
tra mo - da não sei;
sfz
mi - nha
sfz

sfz
mãe e - ra sa - loi - a mi - nha
sf.
p
mãe e - ra sa - loi - a eu com
p
el - la me cri - ei eu com

, cresc.
el - la me cri - ei mi - nha
cresc.
f
, dim.
mãe e - ra sa - loi - a eu com
f
dim.
p
, cresc.
el - la me cri - ei mi - nha
p
cresc.

f
dim.
mãe e - ra sa - loi - a eu com el - la
f
p
me cri - ei.
p
mf
dim.
D.C.
D.C.
p

A saloia

Quero cantar a saloia,
já que outra moda não sei;
minha mãe era saloia,
e eu com ella me criei.

Sou saloia, não me importa,
não importa, não, senhor!
que lhe importa á flor do campo,
que em jardim haja outra flor?

Grato aroma tem as rosas,
mas as violetas tambem:
entre as flores ser violeta
não envergonha a ninguem.

Não ha vida, como a vida
que a saloia vive aqui;
livre e ingenua, como a ave
que na moita canta e ri...

Riso franco, alegres cantos,
onde falla o coração:
vale mais do que o piano
a guitarra do pimpão.

Em cada rosto a frescura
das boninas pelo val:
não ha aqui rostos de cêra,
como lá na capital.

Nem garrido traje á moda
nem plumagens no chapéu:
vela os rostos a candura
melhor que as rendas do véu.

Que importam salas doiradas
onde a alma vive em prisão?
Na aldeia por ceus e terra
vôa livre o coração.

Vôa livre, mas é puro
mais que nas salas talvez;
como é pura a estrella d'alva,
como os anjos que Deus fez...

Sou saloia, e não me importa,
como o era minha mãe...
Entre flores ser violeta
não envergonha a ninguem.

L. G. F.

127. OS MARTYRES DA VIRGEM MARIA

To da a his-to-ria d'este po-vo Pa-re-ce o vos-so te-
Ai Se-nho-ra não vos va-des Não deixeis es-te lo-
ar Vós te-cestes su-as glo-rias so-bre a ter-ra so-bre o
gar Ninguem diga ser perdi-do Quem soube em Vós confi-
mar Mas o fi-o d'essa tei-a
ar Quem fôr ter ras portu-guê-sas

Ho - je é prestes a que brar
Per-cor-ren-do de-va - gar
Só as vossas mãos bem-
Por es-tra-das ou a-
ditas O po - de-rám re - a - tar
talhos Onde quer que vá pa - rar
Quando um bar-co no mar
Vos sa ermida em cada ou-
al - to
tei - ro
Já vai qua si a nau-fra - gar
Ha-de vêr sem-pre a al-ve - jar

1.ª vez
Per-di-do es-tá sem re-medio Se a estrella se lh'a-pa-gar
Co-mo este po-vo outro po-vo Não vos sa-be ve-ne-
2.ª vez
rar
Ai Senhora não vos va - des
Não deixeis es - te lo - gar
De Por-tu - gal sam as

Recitativo
ter-ras Terras do vos-so so - lar Bem
ba-ja a Virgem San -
tis - si-ma Que em Por-tu-gal quer fi - car Di - to - sa de nos-sa
alargando
ter-ra Se sempre a souber guar-dar
Di-to - sa de nossa ter - ra
a tempo

«Ai, Senhora, não vos vades,
Não deixeis este logar;
São terras de Portugal,
E' vosso antigo solar!

Toda a historia d'este povo
Parece o vosso tear:
Vós tecestes suas glorias
Sobre a terra e sobre o mar.

Mas o fio d'essa teia
Hoje é prestes a quebrar,
Só as vossas mãos bemditas
O poderão reatar.

Quando um barco no mar alto
Já vae quasi a naufragar,
Perdido está sem remedio
Se a estrella se lhe apagar.

Não vêdes, Senhora nossa,
Este povo a sossobrar?
Elle é barco a Vós sagrado,
Vós sois a estrella do mar.

Ai, Senhora, não vos vades,
Não deixeis este logar:
Ninguem diga ser perdido
Quem soube em Vós confiar.

Quem fôr terras portuguezas
Percorrendo devagar,
Por estradas ou atalhos
Onde quer que vá parar,

Vossa ermida em cada outeiro
Ha-de vêr sempre a alvejar:
Como este povo, outro povo
Não vos sabe venerar.

Ai, Senhora, não vos vades,
Não deixeis este logar,
De Portugal são as terras,
Terras do vosso solar....»

Bem haja a Virgem Santissima
Que em Portugal quer ficar!
Ditosa da nossa terra
Se sempre a souber guardar!

P. Luiz Maria d'Almeida

(Extracto da Lenda — «Os Martyres da Virgem Maria»)

28. ZORTZICO

Moto proprio

R. Belderrain

Meu Deus, ai! que du-ra
sim! já com Deus não
sen da Se of - fre-ce a go - ra a meus o - lhos Não
te - mo En - trar na li - de sa - nhu-da; Não
ve - jo se - não a - bro - lhos E nu-vens a per-pas-
te - mo com tu - a a-ju - da, O' Virgem o na - ve-
p

sar! E' for-ça dei - xar p'ra sem-pre Es-
gar: Que o bra-ço do Om ni - po - ten - te Vem
te meu pie - do - so ni - nho Co - mo o dei-xa o pas - sa-
dar me va - lor, pu - jan-ça E te - nho se - gu - ra es-
ri - nho Quan - do se lan - ça a vo - ar A-
p'ran - ça Em ti, ó Estrel-la do mar Eu
p

deus meu ver - gel flo - ri - do, A - deus ho-ras des-cui-
ju - ro so - bre os al - ta - res Teus pas-sos se - guir di-
p
do - sas A - deus per-fu - mes e ro - sas, A-
rei - to, Je - sus, e n'es - te meu pei - to Guar-
p
deus ceu fei - to de luz! Não mais sor-ri - so in - no-
dar - te sem-pre af-fei - ção E ju - ro - te, ó Vir-gem
p

cen - te... Que m'es-pe-ra a ter-ra im-pu - ra On-
pu - ra, Tra - zer sempre bem gra - va - do O
de a vi-da é de a-mar - gu - ra On - de o ca - mi - nho é de
teu no me a-ben-ço - a - do A - qui no meu co - ra-
cruz.
ção.
A-
Tra-
p

deus, pois, ver-gel flo - ri - do
zer teu no - me gra - va - do
p
f
A - deus ceu fei - to de luz!
A - qui no meu co - ra - ção.

Côro
Que te-mes po-bre cre-
Ju - re mos to dos, ju-
an - ça ? Que tens?.. Des - can - ça Vol - ta a sor - rir : Se
re - mos Mor - te an-tes qu're-mos Que de - ser - tar. E
guar-das d'ho-je a lem - bran-ça Po - des ter 'sp'ran ça No teu por-
quan-do rir a im-pie - da - de Mai-or leal - da - de He - mos mos-

vir. Da vi - da te - mes o p'ri-go Ou do i - ni-
trar Ju - ra - mos sem prear vo - rar - te No - bre es-tan-
mi - go La - ço trai - dor? Se a crença le - vas com-
dar-te Do Sal - va - dor! Sa - gre-mos a tal ban
ti - go Ao seu a - bri-go Sáis ven - ce - dor! Ai!
dei-ra A vi - da in- tei-ra O nos-so a
Solo

tre - mo e em mi - nhas vei - as Já o san - gue se con-
ge - la... Se ao me - nos uma es - trel-la Lá
me a - pon - tá - ra o ceu... Mas n'es-te mar re-

vol - to Me - lho - res que eu en - tra - ram E
quan - tos lá fi - ca - ram Se - pul - tos no es - car-
ceu!

Ai quantos lá fi - ca - ram
Côro
Se-pul-tos no es-car - ceu
Ma -
ff
ff
ri - a se - rá o lu - zei-ro Que em teu ro - tei-ro Has de fi-

pp
tar. E se a - ma-res es - sa Es-trel-la Sem-pre has de
pp
vê - la No ceu bri - lhar. E a-in - da que a tem-pes-
ff
ff
ta-de Pa - re - ça que ha de Tur-var os ceus, Tran-
p

quil - lo re - to - ma o le - me Que na-da te - me Quem tem a
p
Deus Oh! mor Ju-
Solo
D.C. ao
𝄋 até 𝄌
com a
2.a lettra
f
re-mos to - dos, ju - re - mos! Mor-te antes qu'remos que de - ser-

tar. E quan - do rir a im - pie - da - de Mai - or leal-
da-de Hemos mos - trar Ju - ra-mos sem - pre ar-vo-
rar - te Nobre es - tan - dar-te do Sal - va - dor! Sa -

gre-mos a tal ban - dei - ra A vi - da in - tei - ra O nos-so a -
mor ! Sa - gre-mos a tal ban - dei-ra A vi-da in tei-ra O nosso a-
mor !
f

Zortzico

ADEUS AO COLLEGIO

1.º Solo

Meu Deus, ai! que dura senda
Se off'rece agora a meus olhos
Não vejo senão abrolhos
E nuvens a perpassar!
E' força deixar p'ra sempre
Este meu piedoso ninho
Como o deixa o passarinho
Quando se lança a voar.

Adeus meu vergel florido,
Adeus horas descuidosas
Adeus perfumes e rosas,
Adeus ceu feito de luz!
Não mais sorriso innocente...
Que me espera a terra impura,
Onde a vida é de amargura,
Onde o caminho é de cruz.

Adeus, pois, vergel florido,
Adeus ceu feito de luz!

Côro 1.º

Que temes, pobre creança?
Que tens?... Descança
Volta a sorrir:
Se guardas d'hoje a lembrança
Podes ter 'sp'rança
No teu porvir.

Da vida temes o p'rigo,
Ou do inimigo
Laço traidor?
Se a Crença levas comtigo
Ao seu abrigo
Sáis vencedor!

2.º Solo

Ai! tremo e em minhas veias
Já o sangue se congela...
Se ao menos uma estrella
Lá me apontára o Ceu ..

Mas neste mar revolto
Melhores que eu entraram
E quantos lá ficaram
Sepultos no escarceu!

Ai quantos lá ficaram
Perdida a luz do ceu!...

Côro 2.º

Maria será o luzeiro
Que em teu roteiro
Has de fitar.
E se amares essa Estrella
Sempre has de vê-la
No ceu brilhar.

E ainda que a tempestade
Pareça que ha de
Turvar os ceus,
Tranquillo retoma o leme
Que nada teme
Quem tem a Deus.

3.º Solo

Oh sim! já com Deus não temo
Entrar na lide sanhuda;
Não temo com tua ajuda
O' Virgem, o navegar:
Que o braço do Omnipotente
Vem dar-me valor, pujança,
E tenho segura esp'rança
Em ti, ó Estrella do mar.

Eu juro sobre os altares
Teus passos seguir direito,
Jesus, e neste meu peito
Guardar-te sempre affeição;
E juro-te, ó Virgem pura,
Trazer sempre bem gravado
O teu nome abençoado
Aqui no meu coração.

Trazer teu nome gravado
Aqui no meu coração.

Côro 3.º

Juremos todos, juremos!
Morte antes qu'remos
Que desertar.
E quando rir a impiedade
Maior lealdade
Hemos mostrar.

Juramos sempre arvorar-te
Nobre estandarte
Do Salvador!
Sagremos a tal bandeira
A vida inteira
O nosso amor!

(Versão livre do Castelhano).

P. J. P. Sauvedra.

29. PORTUGUÊS DE LEI

(HYMNO)

J. U. Escoto

ff.mo
8.a
p
Solo
Nos - sos
pei - tos em cham-mas ac-cen - de,
Esse

fo - go que diz gra - ti - dão, E' dia-
p
man - te que lu - ci - do ex - plen - de, En - gas-
f
Tenores
Tiples
ta - do na e-ter - na man - são Com-pa-
f

nhei - ros nas li - des da scien - ci - a, En-to-
Com 8.a
e - mos um hym - no d'a - mor. Se-ja o
8.a
mf
f
com 8.a
f
prei - to que a leal ju-ven - tu - de, Ho - je

f
ren da ao seu bom Di - re - ctor
Com - pa -
8.a
ff.mo
nhei - ros
nas li - des da scien - cia
En - - to - - e - mos um hym - no d'a-

f
mor. Com - pa - nhei - ros
f
nas li - des da scien - cia En - to-
emos um hym - no de a-mor.
f

Côro

Companheiros nas lides da sciencia!
Entoemos um hymno de amor.
Seja o preito, que a leal juventude
Hoje renda ao seu bom Director.

Solo

Nossos peitos em chammas accende
Esse fogo, que diz gratidão;
E' diamante que lucido esplende
Engastado na eterna mansão.

Salve! Salve! te diz nosso peito,
Porque alliaste a virtude ao saber:
E' tua vida modelo perfeito
No caminho do nobre dever.

O caracter de tempera fina
E' de franco e leal português.
A virtude sincera domina;
Não conhece teu peito a dobrês.

Da candura és o vivo retrato,
E's imagem da pomba tambem;
E's por isso no simplice trato,
Qual c'os filhos a mais terna mãe.

Mas invade teu peito a tristeza,
Se o delicto é forçoso culpar;
Se ao castigo não falta a firmeza,
A justiça e amor vam a par.

A. A. Silvano

Nota. — Este hymno foi pela primeira vez executado sob a direcção do auctor por dois numerosos córos de sopranos e tenores com grande orchestra em S. Fiel (20, março, 1907) na festa do Director, R. P. Antonio da Costa Cordeiro, a quem foi dedicada lettra e musica.

30. NINHO D'ALMA

Lento **P. F Costa Pereira**

dim.
p
string.
la - do de Je - sus.
A - ve per-di - da a - chei Paz e ca-
cres.
dim.
pp
rall.
ri - nho bens a flux no la - do de Je - sus. Que doce ni - - -
rall.
a tempo
nho O ni - nho se que - reis N'uma arvore o a - cha-
a tempo

reis Na Cruz na Cruz pro - pi - cia o ni - nho a - cha-
reis To-doo que á cruz vo - ar, Ha de em tal cruz a-
char no la - do de Je - sus na Cruz, na Cruz pro-

cres. smorz. pp
pi-cia ha de a - char no la do de Je-sus Certa de - li - - ci-
cres. smorz.
a Mas ai, quem dá ra-
zão D'este al - mo co-ra - ção d'este al - mo co - ra-

ção Que me con - for- - - - ta
Como o ca lor di-

zer Que faz re - flo - res - cer no la - do de Je-

allarg.
sus n'es - te almo co - ra - ção,
Que co for - ta e faz reflores-

cer no la do de Je-sus A alma já mor - - - - - ta Can-
p
tae - o almas fi - eis, can - tae, Vós que sa - beis can-
tae, ó candidas a - ves Es - ta que tar-de vem

ave in - fe - liz não tem Sons tão su - a - - ves Pri-
mei - ro ha de olvi - dar Can-ções que pe - lo ar Sem
paz, sem paz va-gan - do, Ai tris - te gor - ge - ou Emquanto

lon - ge er-rou Do ni-nho bran - - do. Bem

den-tro aqui no ar-dor Do a-man-te Re-demptor Comque ale-

lando e amando as-sim i - rá té por fim vô - o le-
allarg.
van - te e a - lem nos ceus a - lem gloria do Eter - no
dim. ritar.
Bem a-lem nos ceus, E - ter - na can - - - - te.
p

Ninho d'alma

IDYLLIO DE D. JAIME COLLELL

Ao ninho emfim cheguei
Ave perdida, achei
Paz e carinho;
Já gozo bens a flux
No lado de Jesus:
Que doce ninho!

Cravos e espinhos sam
Que tecem a mansão
Onde a ave trina;
Mas ah! não causam dor,
Que os torna já o amor
Em pluma fina.

O ninho, se quereis,
Numa arvore o achareis,
Na cruz propicia:
Todo o que á cruz voar,
Ha-de em tal ninho achar
Casta delicia.

Mas ai! quem dá razão
D'este almo coração
Que me conforta?
Como o calor dizer
Que faz reflorecer
A alma já morta?

Cantae-o, almas fieis,
Cantae, vós que sabeis,
Candidas aves;
Esta que tarde vem
Ave infeliz, não tem
Sons tão suaves.

Primeiro ha-de olvidar
Canções que, pelo ar
Sem paz vagando,
Ai triste! gorgeou,
Emquanto longe errou
Do ninho brando.

Eil-a em seu pouso já:
Contente como está
Nem azas solta:
Voar não pensa, não,
Que os gaviões lá vam
Pairando em volta.

Bem dentro aqui, no ardor
Do amante Redemptor,
Còm que alegria
A amá-lo apprenderá
E amores cantará
De noite e dia!

Cantando e amando assim
Irá, té que por fim
Vôo levante
E alem dos céus, alem,
Glorias do eterno Bem
Eterna cante.

(Trad. do original catalão).

J. S. G.

31. INSPIRAÇÃO SERODIA

(FADO DEDICADO PELO AUCTOR A SUA ESPOSA)

Molto moderato **J. U. Escoto**

an - nos a bran-cu - ra vem mi - nha fronte co-
tristemente
brir ge-me o es-tro e só mur-mu - ra quan - do
1.ª vez
2.ª vez
animato
ó - lho pa - ra o por - vir Já dos vir Oh não
mf

pe - ças, pois, des - can - tes da vi - da no de - cli-
dim.
pp
nar não sei lo - as co - mo d'an - tes sus-
dim.
pp
1.ª vez
2.ª vez
D.C.
Pour finir
pi - ros só pos - so dar Oh não dar
1.ª vez
2.ª vez
D.C.
Pour finir
p

p
cres - - cen - do
f
dim.
pp

Inspiração serôdia

Já dos annos a brancura
vem minha fronte cobrir;
geme o estro e só murmura,
quando olho para o porvir.
Oh não peças, pois, descantes
da vida no declinar;
não sei loas como d'antes,
suspiros só posso dar.

No exhausto corpo não sinto
da mocidade o vigor,
já no meu peito é extincto
esse fogo abrazador.
Oh não peças, pois, descantes
que te venham alegrar;
não sei loas como d'antes,
soluços só posso dar.

A gloria a que assististe
passou, qual sombra fugaz,
só deixando na alma triste
anceios de eterna paz.
Oh não peças, pois, descantes,
como prova de eu te amar;
não sei loas, como d'antes,
gemidos só posso dar.

32. HYMNO DA PEREGRINAÇÃO NACIONAL AO SAMEIRO (1904)

ta - da! Con-cei-ção Im-ma-cu - la-da Ven-
3
3
ces - te ven - ces - te a ser-pe in-fer-nal!
3
3
Sal - ve, es-trella to-da pu-ra, dos naufragan-tes lu-
f

zei - ro, pha - rol que des - de o Sa - mei-ro Il - lu-
mi - nas il - lu - mi-nas Por-tu - gal! pha-rol que des - de o Sa-
mei-ro Il - lu-mi-nas il - lu - mi-nas Portu-gal

Solo Andante moderato
Eis-nos aqui Mãe pie-do - sa, em de-
p
vo-ta em de-vo-ta roma - ri - a! So-mos
Fi-lhos de Mari - a vi - mo-lo a-qui pro - tes - tar.

So-mos Fi - lhos de Ma - ri - a, so-mos Fi lhos de Ma-
ri - a vi - mo lo aqui pro-tes - tar Sai ba o
sfz.
Piu mosso
mun - do, saiba o infer - no, ao mo - ver - nos cru - a guerra que inda é

tu - a a lu - sa ter - ra que tens n'el - la thronoe al - tar
Côro
Sal - ve, sal-ve, glo-ria nos sa! Ac - co - de Judith a-

ma - da, ao po vo da Im-ma cu - la - da Es-
3
ma - ga es - ma - ga a ser - pein - fer - nal
Sur - ge, estrella aos naufragantes! dissipa as tre-vas lu-
f

zei - ro, E's tu que des - de o Sa - mei-ro Has de sal
var has de sal - var Por-tu-gal! E's tu que des - de o Sa-
mei-ro Has de salvar has-de salvar Portu - gal
ff
sfz secca

Hymno da Peregrinação Nacional ao Sameiro (1904)

Côro

Salve, salve! gloria nossa!
Judith aqui levantada.
Conceição Immaculada
Venceste a serpe infernal!
Salve! estrella toda pura,
Dos naufragantes luzeiro,
Pharol que desde o Sameiro
Illuminas Portugal!

Solo

Eis-nos aqui, Mãe piedosa
Em devota romaria!
Somos filhos de Maria
Vimo-lo aqui protestar.
Saiba o mundo, saiba o inferno,
Ao mover-nos crua guerra,
Que inda é tua a lusa terra,
Que tens n'ella throno e altar.

Côro

Salve, salve! gloria nossa!
Accode, Judith amada,
Ao povo da Immaculada,
Esmaga a serpe infernal.
Surge, estrella aos naufragantes,
Dissipa as trevas, luzeiro.
E's tu que desde o Sameiro
Has de salvar Portugal.

J. Saavedra.

Hymno do Collegio de S. Fiel á Immaculada Conceição

Salve! salve, gloria nossa!
Rainha do ceu potente.
O teu manto nos alente
Contra as furias de Lusbel.
Salve! Oh Virgem purissima!
No caminho da virtude
Guia sempre a juventude
E abençoa S. Fiel

Solo

Eis-nos a teus pés, Maria,
Para a lucta já armados;
Vimos hoje, quaes soldados,
A ti bandeiras jurar.
Do filial amor em prova,
Se outra prenda nós não temos,
Hoje, Maria, te erguemos
Em cada peito um altar.

Este hymno, composto expressamente para a Grande Peregrinação ao Sameiro, que teve logar em 12 de Junho de 1904, destinava-se a ser executado, como o foi, por um grande côro unissono de 500 vozes juvenis acompanhadas a grande instrumental.

E' por isso que na reducção para piano, ou orgão, se procurou conservar no acompanhamento dos córos o effeito resultante dessa massa coral, effeito que aliás exige a propria melodia.

O Solo destinava-se a alguns membros das Congregações de Maria, como a lettra o indica; e o auctor contava que o hymno se executasse ao ar livre, ao chegarem os Congregados junto do monumento da Virgem.

Estas indicações esclarecem melhor que os signaes musicaes qual deva ser a execução, em ordem ao effeito que se teve em vista e em grande parte se obteve na Peregrinação, apezar de não se ter podido realisar ao ar livre com a solemnidade desejada.

ERRATA

Pag. 22, lin. 2.ª, 1.º comp.

Pag. 22, lin. 3.ª, 1.º comp.

Pag. 28, lin. 1.ª, 3.º comp.

Pag. 39, lin. 1.ª, 2.º comp.

Pag. 39, lin. 1.ª, 4.º comp.

Pag. 57, 2.ª col., 5.º verso — Pag. 40 e 53

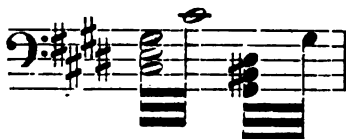
moveu-me, e não *moveu-se*.

Pag. 61

A melodia é *italiana*, e não *allemã*.

Pag. 73, lin. 2.ª

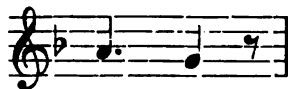
caiu, e não: *caia*.

Pag. 132, lin. 2.ª, 1.º comp.

Pag. 161, lin. 2.ª

volar, e não: *volai*.

Pag. 163, desde o 2.º comp. — a lettra deve ser na pagina:

uma roseira candida,
nuncio de primavera.
Nasceu ao pé de um'arvore,
triste, esfolhada, austera...

Pag. 163, lin. 2.ª, 2.º comp.

Pag. 196, 1.º comp.

Pag. 191, lin. 2.ª, 3.º comp.

INDICE

PUBLICAÇÕES DO COLLEGIO DE S. FIEL

LYRA SACRA

Collecção Portugueza de Canticos Religiosos

Com Approvação da Auctoridade Ecclesiastica

DIRECTOR: Dr. Antonio de Menezes

CANTICOS A NOSSA SENHORA

Vol. I	*Mez de Maria* — Com 68 canticos (exgotado).	
Vol. II	*Proprios do tempo* — Com 53 canticos	1$500
Vol. III	*Motetes a Nossa Senhora* — Com 44 canticos	1$800
Vol. IV	*Ladainhas a Nossa Senhora* — Com 60 Ladainhas	1$200

CANTICOS A NOSSO SENHOR

Vol. V	*Ao SS. Sacramento* — Com 102 hymnos	2$000

MELODIAS DE SALA

Vol. I	Com 20 canticos.	1$500
Vol. II	Com 32 canticos.	1$900

Estes mesmos volumes cartonados ou encadernados em percalina, respectivamente mais 100 ou 400 réis.

LETTRAS (poesias) *dos Canticos a Nossa Senhora (2.ª edição):* — Mez de Maria — Motetes — Proprios do tempo — Ladainha a 3 e 5 titulos.

1 vol. de 200 pag. broc., *franco de porte*, 100 réis, cartonados com lettreiros doirados, 150 réis.

EDUCAÇÃO: *2.ª edição*, dedicada á Mocidade Portuguêsa e Brazileira; um folheto de 82 paginas, cartonado com lettreiros doirados, *franco de porte*, 100 réis.

METHODO DE MUSICA, por J. J. Escoto e coordenado por J. U. Escoto, professor de musica no Collegio de S. Fiel. E' um vol. de 76 pag. formato grande, optimo papel e nitidamente impresso. Broch. 800 rs., pelo correio 840 rs.

BROTÉRIA

SERIE DE VULGARIZAÇÃO SCIENTIFICA

Revista bimensal, illustrada com estampas e figuras originaes

A direcção da *Brotéria* começou ha pouco a publicação de uma Serie de Vulgarização Scientifica, destinada a toda a classe de pessoas, ainda menos instruidas, que nella encontrarão toda a qualidade de conhecimentos uteis, incluindo as descobertas mais notaveis no campo das sciencias physicas e naturaes, os progressos na medicina e junctamente o que mais importa saber ao agricultor e ao arboricultor.

As Secções de que nella se trata, todas ao cuidado de especialistas cujos nomes são pela maior parte bem conhecidos no mundo scientifico, são as seguintes: 1.ª Historia das Sciencias Naturaes em Portugal; — 2.ª Physiologia animal; — 3.ª Physiologia vegetal; — 4.ª Technica microscopica; — 5.ª Microbiologia; — 6.ª Medicina; — 7.ª Physica; — 8.ª Chimica; — 9.ª Animaes uteis e nocivos; — 10.ª Arboricultura; — 11.ª Variedades.

Cada volume consta de 6 fasciculos, publicados de dois em dois mezes e ornados com estampas e figuras de estremada perfeição. A assignatura é 1$500 réis, para estudantes 800 réis quando pedida á administração (S. Fiel).

Series Zoologica e Botanica

Alem da Serie de Vulgarização, tem a *Brotéria* mais duas series independentes, uma de Zoologia, outra de Botanica, as quaes teem sido grandemente estimadas em Portugal e no estrangeiro.

Ambas são illustradas com estampas de muita perfeição.

A assignatura de cada uma custa 1$000 réis.

A assignatura das tres series (zoologica, botanica e de vulgarização) é 3$000 réis.

Os pedidos podem ser feitos ao administrador da *Lyra* e *Brotéria* J. Duarte Roque (S. Fiel) ou aos correspondentes os Snrs. Paulo Guedes & Saraiva (Rua Aurea, 80, Lisboa), Livraria do Clero, *Lima & C.ta* (R. de S. Roque, 9, Lisboa). J. Maria Constantino Bastos (R. da Fabrica, 16, Porto). Augusto Costa & Mattos (36, L. do Barão de S. Martinho, Braga). Dr. J. Rick (Gymnasio de N.ª S.ª da Conceição, S. Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brazil). Ou a *A. Campos*, (Largo da Sé, 7, 1.º, S. Paulo, Brazil).